

COTIDIANO DE UMA ESTÂNCIA DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL: OS METAIS DA ESTÂNCIA VELHA DO JARAU

Diele Ilha Thomasi
Saul Eduardo Seiguer Milder(orientador)

A Estância Velha do Jarau, fica localizada a 25 km da cidade de Quaraí, na fronteira entre o atual Brasil e atual Uruguai, na base do cerro do Jarau.

Segundo GOMES (2004): “A contribuição do cerro no aspecto da segurança da propriedade corresponde a sua possibilidade de oferecer uma privilegiada visão das áreas próximas, servindo de ponto de observação das movimentações de tropas de gado e hordas castelhanas pelos terrenos”. Neste mesmo cerro, moraria, segundo a construção lendária de Simões Lopes Neto (1983), a Teiniaguá, ente fantástico, com poderes mágicos, que inclusive teria protegido Bento Manuel Ribeiro, general da Revolução Farroupilha, a quem se atribui a fundação efetiva da Estância, no período de 1828 a 1855.

Também outros terra-tenentes ocuparam a Estância, Maneco Pedroso, teria acampado por lá, por volta de 1816 ou 1817, com suas tropas, formando uma guarda. Depois do período de Bento Manoel, Olivério Pereira, outro poderoso militar, adquiriu a terra entre 1864 e 1870.

A Estância foi um marco da presença luso-brasileira na conflituosa região fronteira entre as possessões portuguesas e espanholas, a fronteira Brasil – Uruguai, onde os limites eram definições muito vagas, que se esvaeciam frente aos diversos conflitos corriqueiros na região. Além disso, foi também um grande centro criador de gado e cavalos e moradia das famílias proprietárias.

Após o abandono, em 1905, foi apropriada e ocupada pela comunidade de forma variável: CTG's, exercícios militares nos anos 80 e caçadores de tesouros se utilizaram do espaço do sítio para diversas atividades que acabam por perturbar o sítio.

Segundo Albuquerque (1993) a elite dominante colonial, observada através da arqueologia histórica Brasileira é:

Uma elite patriarcal, truculenta nada burguesa nem aristocrática, independente de uma cultura material refinada. São sujeitos heterogêneos por definição: índios, negros, mestiços, gaúchos...

Esses indivíduos são negociadores ativos das regras sociais, inseridos em seu contexto cultural e histórico, sendo este um fator importante a se considerar na formação das relações existentes em sítios arqueológicos históricos.

Os elementos materiais de um grupo humano do passado podem apresentar-se como uma fonte que não pode ser distorcida segundo os interesses e valores das pessoas que a produziram.

As evidências recuperadas nas pesquisas arqueológicas possibilitam a reconstituição de um quadro mais amplo sobre os modos de vida e o cotidiano de grupos domésticos do passado.

O estudo dos artefatos coletados de uma unidade residencial e de seu entorno recupera o comportamento combinado de aquisição e deposição de todos os moradores da casa e, eventualmente o comportamento dos mesmos.

Nesse sentido, a análise adentra num campo onde é possível relacionar as informações retiradas das fontes documentais e as fontes materiais.

As evidências arqueológicas coletadas em uma casa são evidências de atividades cotidianas de um determinado grupo social e exclusivamente doméstico em sua interação com um grupo maior.

Conforme Symanski (1998), para compreendermos essas atividades, ligadas à produção e reprodução social, consumo e socialização, a partir dos elementos materiais da cultura, consideramos a existência de uma interação entre esses elementos e os grupos domésticos a eles relacionados. Ainda nesse ponto, os artefatos são imbuídos de significados que o arqueólogo

busca compreender através de hipóteses e inferências que possibilitem relações que se adequem aos dados levantados nas pesquisas.

Na arqueologia histórica a cultura material advinda das intervenções arqueológicas é bem diversificada, no caso da Estância Velha do Jarau, é possível observar louça, ossos, vidros e metais.

Os metais possuem também suas especificidades, visto que na grande maioria das vezes, sempre apresenta a necessidade de um processo e limpeza e conservação diferente e mais aprimorado que os outros materiais.

O metal dentro do solo arqueológico passa por diversos processos degradativos, os mais comuns são os efeitos causados pelo solo ácido e/ou úmido. Quando esse material é retirado do solo passa a sofrer os efeitos do oxigênio, a oxidação.

Devido a essas características especiais, diversos métodos de limpeza e conservação são aplicados em coleções arqueológicas metálicas.

Para a conservação do material, metais da Estância Velha do Jarau, aliado ao método de limpeza mecânica de CEZAR (1997), que consiste em uma raspagem atenta e delicada, com bisturis, lixas e escovas de cerdas macias, além de uma broca de rotação controlável, a fim de retirar a crosta de sujeira e oxidação impregnadas na peça, foi utilizada a cera-microcristalina conforme COSTA (1999), ou seja, a cera micro-cristalina é dissolvida em querosene, até se tornar pastosa, e é aplicada no material criando uma camada fina, neutra, transparente e imperceptível ao toque, o que facilita o manuseio das peças bem como promove uma proteção completa da peça frente aos variados agentes oxidantes, tais como o oxigênio e a umidade do ar.

Certas peças apresentavam um grau de degradação tão alto, que a camada de convertedor de ferrugem que ainda possuíam foi mantida a fim de não interferir mais em sua estrutura, sendo então passada a cera micro-cristalina sobre essa camada de convertedor, o que selou a peça, evitando o desprendimento deste produto anteriormente aplicado da peça.

O acondicionamento de todo o material foi em envelopes de papel de pH neutro¹ visto que papéis ácidos podem reagir com os metais, ocasionando perdas parciais ou totais do material já limpo e conservado.

A utilização desse método de limpeza e conservação se mostrou bastante válido, inclusive do ponto de vista financeiro, visto que se utiliza da infra-estrutura já presente no LEPA, não necessita de treinamento prévio tampouco da presença de especialistas, e o mais importante, preserva o material arqueológico de forma efetiva.

Vida Privada da Estância: hábitos à mesa e vestimentas

São objetos utilizados no cotidiano de dentro da residência, no âmbito familiar e doméstico, inclusive os hábitos à mesa. Fazem parte do privado dos indivíduos, são talheres, acessórios e vestígios de vestimentas.

Os talheres, segundo Algrant (1997), só se generalizaram tanto na coroa quanto no Brasil em meados do século XIX. Eram “objetos raros, usados em grandes ocasiões, como o jantar oferecido a um alto dignitário da igreja”. No mesmo local de escavação encontrou-se um garfo artesanal, rústico e grosseiro, feito a partir de arames retorcidos, com três dentes e cerca de 22 cm de comprimento, contrapondo à delicadeza e refinamento dos outros pequenos garfos, apresentando-se como uma adaptação de hábitos.

Todos os garfos apresentam quatro dentes, exceto o artesanal. Talheres com quatro dentes começaram a ser produzidos a partir de 1880 (ALGRANT, 1997), data inserida dentro do contexto de atividade na estância. A colher pequena não tem mais que 7,5 cm de comprimento, também é bem rasa, sendo impossível utilizá-la para líquidos ou caldos, sendo mais provável que fosse utilizada para adoçar ou servir pequenas porções de doces. Outra colher encontrada no sítio apresenta maior profundidade, sendo possível utilizá-la para líquidos.

Sobre os botões, um item que salta aos olhos é a presença de uma peça específica um botão com uma inscrição em alto-relevo, o escudo da república uruguaia, concomitante a outros, mas comuns em sítios históricos do século XIX, como os botões parisienses e ingleses.

Tralha Bélica: Armas e Fronteiras

Entende-se por tralha bélica aqueles artefatos que se relacionam com o militarismo, com os conflitos armados e aquelas atividades que envolviam a utilização de armas brancas ou de fogo, tais como a caça.

Da cultura material, dois cartuchos de fuzil Lefauchaux nos chamam atenção. De origem francesa, começaram a ser produzidos a partir de meados do século XIX, concomitante, 2 cartuchos de pistola de calibre 22, projéteis esféricos e de alma raiada, bainhas de armas brancas, como de baionetas e sabres além de cartuchos de fuzil, sendo que, cerca de um quarto desses cartuchos são de festim. Isso se justifica, pois nos anos 80 a Estância Velha do Jarau foi utilizada como campo de instrução para exercícios militares pelo exército brasileiro.

Ferramentas e Tralha Equestre: as lidas Campeiras da Estância Velha do Jarau.

As atividades de campo, as chamadas “Lidas Campeiras”, ou seja, o trato e utilização do gado ovino, eqüino, bovino e muar, assim como atividades de plantio e manutenção da estância, podem ser observados por essa cultura material específica.

A tralha mostra a presença dos animais no sítio, tanto o gado eqüino quanto o muar e ovino, além das atividades não domésticas no sítio, através de ferramentas da lida de campo e com o gado, como a tesoura de tosquia e os aparatos para mulas.

Peças específicas, como o arado e a foice, indicam a presença de lavouras anciais. Nem só de carne se vivia, mas também de outros viveres, como uma pequena roça de subsistência.

As chaves de alambrador lembram o processo de cerceamento dos campos, e o abandono paulatino das grandes mangueiras de pedra.

Conclusões Parciais

A partir da cultura material resgatada das diversas escavações desenvolvidas pelo LEPA, é possível observar uma grande variedade de peças, inseridas nas atividades cotidianas da estância, tanto dentro de casa, nas tarefas domésticas, com inclusive a presença de objetos adaptados à cultura européia em que estava inserido, quanto nas atividades de campo, como a agricultura e as atividades de montaria, tão freqüentes no Rio Grande do Sul, além disso, existe a presença de peças relacionadas a armamento e belicismo, objetos típicos de uma região conflituosa como a fronteira Brasil Uruguai, inseridas no seu período histórico.

Além disso, é importante lançar um olhar mais apurado e atento sobre a coexistência de objetos importados e nacionais, bem como com temáticas estrangeiras no mesmo contexto, o que um botão uruguaio faz em uma possessão Luso - Brasileira? As possibilidades são múltiplas, se tratando de uma área onde os limites fronteiriços se esvaecem frente às diversas relações estabelecidas entre os indivíduos que ali viviam.

Peças específicas como o arado, indicam a presença de uma lavoura ancilar, nem só de carne se vivia na Estância Velha do Jarau, também de batata, mandioca, milho. Outras peças, como as chaves de alambrador nos falam do processo de cerceamento dos campos com o arame farpado, que, se tratando de Jarau, caracterizado pelas extensas mangueiras de pedra, podem contribuir bastante para a continuação deste trabalho, além de toda a cultura material do sítio, que possui um grande potencial enquanto fonte de pesquisa.

Referencias Bibliográficas:

ALBUQUERQUE, Marcos. [Perspectiva da Arqueologia Histórica no Brasil.](#) **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira.** Rio de Janeiro: SAB. 1993.

ALGRANTI, Leila Mezan, **Famílias e Vida Doméstica, História da Vida Privada No Brasil,** São Paulo, companhia das letras, 1997.

CEZAR, Ted Henrique da Silva, GOMES, Flamarion Freire da Fontoura, MILDNER, Saul Eduardo Seiguer, Know-how para tratamento químico de metais em arqueologia e leitura histórica dos artefatos arqueológicos de metal da guarda de São Martinho, **Revista do CEPA,** 1997 V.21, n. 25.

COSTA, Diogo. M. Limpeza e Conservação de Objetos Metálicos. X Reunião Científica da SAB, 1999, Recife. In: Kern, Arno A. e Hilbert, Klaus. **Arqueologia do Brasil Meridional**. Porto Alegre: PUC-RS, 1999. v. 1. CD-ROM.

SCHÁVELZON, Daniel. **Arqueologia Histórica de Buenos Aires**. Buenos Aires: la Cultura Material Porteña de los siglos XVIII e XIX. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1991.

SYMANSKI, Luis Cláudio P. **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre** no Século XIX. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1998.